

***ETHOS*¹, UMA QUESTÃO DE INTENCIONALIDADE**

Roberto Clemente dos Santos²

RESUMO

A presente dissertação, fruto do questionamento referente às imagens construídas no discurso político, tem como *corpus* o discurso de posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva no ano de 2003. Esse discurso foi proferido por um cidadão pobre, nordestino e sem curso superior que chegou a São Paulo, foi metalúrgico, presidente do sindicato, mas que galgou posições políticas até a Presidência da República.

Tem-se por objetivo analisar não só o *ethos* desse sujeito enunciatório, mas também sua constituição no discurso de posse.

Esclarecemos que esta dissertação filia-se à linha de pesquisa de pós-graduação em letras, processo discursivo e produção textual da UPM tendo como pressupostos teóricos Brandão (2004), Charaudeau (2006), Osakabe (1999), na linha de Maingueneau referente ao discurso.

Destaca-se que a imagem desse sujeito depende da maneira como ele interage com o enunciatário, demonstrando que o que profere é digno de credibilidade.

Palavras-chave: discurso, discurso político, sujeito, polifonia, *ethos*.

ABSTRACT

This paper, the result of questioning pertaining to the images constructed in political discourse, has as *corpus* the inaugural discourse address of President Luiz Inácio Lula da Silva in 2003. This discourse was delivered by a poor citizen, northeastern and without a college degree who arrived in São Paulo, a steelworker, union president, but who rose to political positions to the presidency.

The goal is not only to analyze the *ethos* of this enunciating subject, but also its constitution in the inauguration discourse.

We clarify that this paper joins the line of letters postgraduate research, discursive process and textual production of UPM considering as theoretical assumptions Brandão (2004), Charaudeau (2006) and Osakabe (1999), in Maingueneau line referring to speech.

It is noteworthy that the image of this subject depends on how it interacts with the enunciatee, showing that who says it is worthy of credibility.

Keywords: discourse, political discourse, subject, polyphony, *ethos*.

¹ A noção de *ethos* que tomamos como ponto de partida compartilha do pensamento da linguagem como elemento persuasivo que é intrínseco a ela, sabendo que por meio dela o sujeito expressa suas ideias e nesta apresentação constrói as imagens do enunciatório.

² Mestre em Letras Pela Universidade Presbiteriana Mackenzie

Temos por objetivo refletir sobre a intencionalidade do enunciador em um momento determinado. Neste momento das campanhas eleitorais em que diversos candidatos querem se mostrar como dignos do voto dos eleitores das mais diversificadas camadas sociais projetando uma imagem de credibilidade, cabe salientar a relevância deste trabalho para o entendimento das intenções dos sujeitos inseridos nesse processo. No entanto, a imagem do sujeito enunciador não depende somente de suas intenções, mas também da integração entre o caráter do sujeito orador e as características do sujeito enunciatário, como eleitor que se situa em relação a essa postura e ao discurso apresentado. Para tanto, analisaremos o discurso de posse de Luiz Inácio Lula da Silva.

Convém aqui ressaltar a importância do *ethos* na prática de análise em que é necessário observar quais são as perspectivas do sujeito, como eleitor com seus anseios, como o político se coloca em relação a eles; qual o contexto em que se inserem e quais os objetivos de toda a cena enunciativa e o como e o porquê de determinado posicionamento e não de outro.

É necessário, ainda, analisarmos não só o *ethos*, mas também as condições de produção do discurso e sua interferência na relação entre enunciador e o enunciatário. Para tanto, recorreremos às contribuições de Brandão (2004), Charaudeau (2008) e Orlandi (2007).

Esclarecemos que as condições de produção do discurso relacionam-se aos sujeitos, como protagonistas envolvidos na enunciação e a situação que se enquadram na estrutura social estabelecendo uma relação de interação entre o enunciador, o enunciatário e o contexto. Brandão (2009, p. 7) postula que “o discurso é o espaço em que saber e poder se unem, se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito que lhe é reconhecido socialmente.”

Com base nessa afirmativa de Brandão consideramos também as contribuições de Charaudeau (2008, p. 24):

A finalidade do ato de linguagem (tanto para o sujeito enunciador quanto para o sujeito interpretante) não deve ser buscada apenas em sua configuração verbal, mas, no jogo que um dado sujeito vai estabelecer entre esta e seu sentido implícito. Tal jogo depende da relação dos protagonistas entre si e da relação dos mesmos com as circunstâncias de discurso que os reúnem.

A condição de produção do discurso faz com que reconheçamos o conhecimento individual de mundo e o compartilhado. As funções dos sujeitos envolvidos é legitimada pela sua formação discursiva e pela sua formação ideológica. Orlandi (2007, p.42,43) afirma que:

Conseqüentemente, podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas 'tiram' seu sentido dessas posições, 'isto é' em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

Podemos observar que a interdiscursividade³ não depende somente da posição social que os sujeitos ocupam, mas também da ideologia que pode ser de convergência ou não. Charaudeau (2008, p.29,30):

Evidentemente, essa separação entre consciência de um saber individual e consciência de um saber coletivo não é nem delimitada por um fechamento estanque, nem fixada de forma definitiva. O critério de determinação do saber individual é o critério de diferença. Mas essa diferença é, pela sua própria natureza, móvel. Podemos ter consciência de uma diferença diante de tal sujeito, de tal saber, mas essa diferença pode tornar-se semelhança em relação ao saber de um outro sujeito e será partilhada com ele. Assim, saber individual e saber coletivo deslocam-se constantemente em função do deslocamento das relações interindividuais e intercoletivas.

A condição de produção do discurso alicerça-se em um primeiro momento na coerência do que é dito, observando se, naquele momento determinado, uma ou outra expressão é a mais adequada, e, em um segundo, o conhecimento dos envolvidos naquele momento sobre o assunto ou assuntos abordados. O espaço da condição de produção do discurso é social e por isso é o espaço privilegiado para a interação. Nesse espaço, regula-se a interação que dá o espaço para o poder entre os enunciatários que prevalecem devido ao reconhecimento da posição de autoridade pelo conhecimento demonstrado do enunciador.

Courtine apud Brandão (2004, p.42,43) define três ordens da origem da condição de produção de discurso:

a) origina-se em primeiro lugar da análise do conteúdo tal como é praticada sobretudo na psicologia social;

³ Interação entre discursos, constituição de sentido onde a visão e mundo se expressa de parte a parte havendo consenso ou não entre os interlocutores.

b) origina-se indiretamente da sociolinguística na medida em que esta admite variáveis sociológicas ('o estado social do emissor, o estado social do destinatário, as condições sociais da situação de comunicação [...]') como responsáveis pelas CPs do discurso;

c) tem uma origem implícita no texto de Harris, *Discourse analysis* (1952): nele não figura o termo CP, mas o termo 'situação', colocado em correlação com o de 'discurso' ao referir-se ao fato de se dever considerar como fazendo parte do discurso apenas as frases 'que foram pronunciadas ou escritas umas em seguida das outras por uma ou várias pessoas em uma só situação' ou de estabelecer uma correlação entre as características individuais de um enunciado e 'as particularidades de personalidade que provêm da experiência do indivíduo em situações interpessoais condicionadas socialmente'(apud Courtine 1981, p.20).

Observa-se com mais evidência no exposto (a) e (b) a importância dos saberes compartilhados e a posição social como responsáveis pela maneira como os interlocutores participarão do processo de interação em que o sujeito enunciatador dialoga com o discurso do enunciatário. De acordo com Orlandi (2007, p.31):

O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. No caso em que analisamos, tudo o que já se disse sobre voto, sobre eleições, sobre eleitores e também todos os dizeres políticos que significaram, em diferentes candidatos, os sentidos da política estão, de certo modo, significando ali. Todos esses sentidos já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes, têm um efeito sobre o que aquela faixa diz.

A condição de produção do discurso remete os sujeitos envolvidos para as suas memórias discursivas, fazendo-os retomar os conhecimentos prévios a respeito do assunto abordado, retomando os conceitos e preconceitos presentes em sua formação. Ainda de acordo com a autora (p.32):

O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia. A observação do interdiscurso nos permite, no exemplo, remeter o dizer da faixa a toda a uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos.

O contexto da condição de produção do discurso tem a capacidade de inserir, na relação existente entre os participantes, uma imagem que pode ser atribuída tanto para o enunciatador quanto para o enunciatário. Segundo Brandão (2004, p. 44):

No discurso, as relações entre esses lugares, objetivamente definíveis, acham-se representadas por uma série de ‘formações imaginárias’ que designam o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Dessa forma, em todo processo discursivo, o emissor pode antecipar as representações do receptor e, de acordo com essa antevisão do ‘imaginário’ do outro, fundar estratégias de discurso.

A imagem do sujeito está ligada ao ato da enunciação, ou cena englobante, onde se considera que o público se posiciona de acordo com o tipo e o foco do discurso. Maingueneau (2006, p. 111) afirma que:

A cena englobante é aquela que corresponde ao tipo de discurso, a seu estatuto pragmático. Quando recebemos um panfleto na rua, devemos ser capazes de determinar se trata de algo que remete ao discurso religioso, político, publicitário, etc.; ou seja, devemos ser capazes de determinar em que cena englobante devemos nos colocar para interpretá-lo, para saber de que modo ele interpela seu leitor.

A condição de produção do discurso considera a posição em que se enuncia e o contexto, e ambas estão direcionadas ao posicionamento ideológico, maneira de ver o mundo, dos envolvidos e a formação discursiva, maneira de dizer o mundo, e está relacionada ao jogo de imagens entre enunciador e enunciatário.

A cena enunciativa em que os participantes do processo de interação fazem parte é como se fosse um cenário que é utilizado para o sujeito enunciador firmar um contrato de confiança com o eleitor que pode elegê-lo para representá-los.

O *ethos*⁴ pode ser observado como resultante de um propósito explícito ou implícito do orador de fazer o outro a lhe atribuir sua confiança por considerar esse sujeito enunciador digno de credibilidade pela maneira como se dá a conhecer. De acordo com Maingueneau (2006, p.56):

A questão do *ethos* está ligada à da construção da identidade. Cada tomada da palavra implica ao mesmo tempo levar em conta representações que os parceiros fazem um do outro, e a estratégia de um locutor que orienta o discurso de forma a sugerir através dele uma certa identidade.

Tomamos dois termos emprestados da retórica de Aristóteles analisados por Amossy (2005) e que influenciam na construção da imagem de si no discurso. O primeiro é o *pathos*

⁴ Charaudeau afirma que o “*ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala e olhar daquele que fala sobre a maneira que ele pensa que o outro o vê.”

ou a sedução da sociedade por meio do diálogo com o que ela tem como perspectiva, despertando o interesse por quem se apresenta capaz de concretizá-las.

O *ethos* relaciona-se ao *pathos*, pois a identidade do sujeito dá-se na representação social e por isso o enunciatário dialoga com as representações do enunciador que resulta na construção do *ethos* que procura ser solidário ou não com as perspectivas da sociedade. Segundo Amossy (2005, p. 09):

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências lingüísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa.

De acordo com Maingueneau (2006) o *ethos* é construído progressivamente na enunciação e visa a fazer com que o enunciatário se identifique com ela e relaciona-se à posição, que é o posto que se ocupa em determinado momento, e ao posicionamento do enunciador que pode ser definido como o ato de posicionar-se em relação a algum assunto.

Barthes apud Maingueneau (2006, p. 55) afirma que o *ethos* pode ser definido como ‘os traços de caráter que o orador deve demonstrar para o auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão [...]. O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: eu sou isso, eu não sou aquilo’.

O segundo é o *logos*, ou discurso que influencia por meio do raciocínio lógico, com argumentação adequada e inferência de exemplos práticos no imaginário social.

O discurso político é persuasivo por essência e evidencia as máscaras, pois nele o sujeito enunciador procura surgir como fiador de um caráter digno de credibilidade. Segundo Maingueneau (2006, p. 55):

A persuasão só é obtida se o auditório pode ver, no orador, que ele tem o mesmo *ethos* que vê em si mesmo: persuadir consistirá em fazer passar em seu discurso o *ethos* característico do auditório, para dar-lhe a impressão de que é um dos seus que se dirige a ele.

Charaudeau (2006) refere-se a vários tipos de *ethos*⁵ relacionados ao posicionamento e a posição de quem profere o discurso⁶ e ao contexto que estão inseridos os participantes daquele discurso.

Com base no que foi exposto observamos que houve uma redefinição da imagem de Lula⁷ na campanha de 2002.

Lula não aparecia somente como um líder popular, mas de acordo com as necessidades que a sociedade expunha, aparecia aos olhos dos eleitores como um líder que chegava para corresponder às esperanças da população. Paraná (2002, p. 33) afirma que:

No rico imaginário popular, Lula ocupa muitos espaços, assume muitas e contraditórias identidades. Talvez para a maioria, nunca deixou de ser operário metalúrgico: sua migração do Nordeste, sua origem mestiça (européia e indígena), sua pouca escolaridade formal e sua inserção na indústria do grande ABC fazem dele um 'peão típico'. Alguns segmentos sociais acreditaram ser Lula uma ameaça à ordem pública, um radical de esquerda despreparado, um homem 'ignorante', ávido por assumir cargos eletivos de relevância política. Para muitos, ao contrário, Lula não só é um líder de massas extremamente carismático, mas também um estadista, homem culto, preparado, capaz de promover a justiça social de que o país necessita. Símbolo da mobilidade social e da consolidação da democracia brasileira, Lula representa para alguns o medo para outros a esperança.

Analisando o discurso⁸ de posse de Lula, observamos que a intenção⁹ do enunciador de ratificar ao povo que ele era um cidadão que vinha das classes sociais inferiores e por esse motivo, conhecedor das dificuldades relacionadas ao trabalho e a outros que atingiam o povo mais necessitado. Sabedor do amparo que o governo disponibilizava para a população carente ele procuraria fazer, na medida do possível e das atribuições de seu cargo, o que era necessário para responder às expectativas do povo que o elegera. Lula Procuraria fazer com que o cidadão adquirisse sua auto-estima e a confiança no governo.

⁵ São muitos os *ethos* possíveis, mas nos apegaremos aos mais presentes na construção da imagem de Luiz Inácio Lula da Silva.

⁶ Discorrendo sobre *ethos* não podemos desconsiderar que, ainda que ele apareça mais evidente na enunciação, o auditório vem analisar o orador na instância pré-discursiva, caso tenha contato a ela, analisando-se se esse orador está coerente com o que vive em seu cotidiano.

⁷ Embora reconheçamos que a trajetória de Luiz Inácio Lula da Silva é rica para uma análise, esclarecemos que nos apegaremos à reconstrução de "um líder de cara amarrada", para uma "imagem do sonho, da fantasia e do desejo." Imagem de alguém digno de credibilidade.

⁸ Esclarecemos que não faremos a análise de todo o discurso, mas sim de recortes selecionados objetivando mostrar o *ethos* mais evidente de sujeito Luiz Inácio Lula da Silva e sua intencionalidade.

⁹ O discurso de posse se mostra ainda mais intencional, já que, por meio dele, o sujeito enunciador não só quer manipular o outro para fazê-lo aderir a sua ideologia, como também para se manter na posição para a qual foi eleito com a imagem de alguém digno de credibilidade, fazendo com que o outro tenha uma identificação com ele.

Recorte 1

1 - 'Mudança'; esta é a palavra chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. A esperança finalmente venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos.

2 - Foi para isso que o povo me elegeu Presidente da República: para mudar. Este foi o sentido de cada voto dado a mim e ao meu bravo companheiro José Alencar. E eu estou aqui, neste dia sonhado por tantas gerações de lutadores que vieram antes de nós, para reafirmar os meus compromissos mais profundos e essenciais, para reiterar a todo cidadão e cidadã do meu País o significado de cada palavra dita na campanha, para imprimir à mudança um caráter de intensidade prática, para dizer que chegou a hora de transformar o Brasil naquela nação com a qual a gente sempre sonhou: uma nação soberana, digna, consciente da própria importância no cenário internacional e, ao mesmo tempo, capaz de abrigar, acolher e tratar com justiça todos os seus filhos.

Quando o enunciador se utiliza do substantivo **mudança**, esclarecendo que essa é a palavra e o sentimento latente naquele período de eleições, como que sendo a necessidade que a sociedade apresentava como necessária em um período que tanto o desemprego quanto a fome estavam em alta, ele tem por objetivo evidenciar que foi eleito por conhecer essa realidade. Temos assim a apresentação do contexto em que o sujeito Lula fora eleito. Nisso, o enunciador tem a intenção de projetar o seu *ethos* de credibilidade; nessa projeção ele tem por objetivo fazer com que o outro, a sociedade que o elegeu, deposite nele sua confiança, não manifestando assim uma interrogação em relação aos seus argumentos, ou discurso.

O sujeito enunciador, ao encerrar a contextualização dos fatos que o levou até o posto mais elevado do governo do país, afirma que: “a sociedade escolheu mudar e começou, ela mesma, a promover a mudança necessária.” Nesse trecho, ele se colocou como “o salvador” responsável pelas ações necessárias para que a mudança ocorresse de fato na política brasileira. Pode-se ver mais evidente essa posição do enunciador quando analisamos o pronome **me**, referindo-se ao motivo que fez com que o povo o colocasse nessa posição: “Foi para isso que o povo me elegeu Presidente da República: para mudar.” Outra palavra que evidencia essa posição de “salvador” é quando ele diz que o sentido da palavra **mudança** refere-se a cada voto dado a ele e ao seu companheiro José Alencar.

Recorte 2

Teremos que manter sob controle as nossas muitas e legítimas ansiedades sociais, para que elas possam ser atendidas no ritmo adequado e no momento justo; teremos que pisar na estrada com os olhos abertos e caminhar com os passos pensados, precisos e sólidos, pelo simples motivo de que ninguém pode colher os frutos antes

de plantar as árvores. Mas começaremos a mudar já, pois como diz a sabedoria popular, uma longa caminhada começa pelos primeiros passos.

Quando o enunciador conjuga o verbo ter na 1ª pessoa do plural, tem por objetivo dividir com o povo a visão dos passos necessários para alcançar os objetivos almejados pela nação.

O sujeito sabia que as mudanças que a nação exigia não se realizariam somente pela vontade, mas com planejamento e ações adequadas, e esse processo pedia sobriedade para reconhecer que a mudança ocorreria progressivamente após alicerçar a base de seus projetos.

Ao reconhecer a legitimidade dos anseios da sociedade, o enunciador reconhece também que ela estava com pressa de ver o novo rumo para a política; então ratificou a informação que introduzira no início do excerto quando apresenta o seguinte argumento: “teremos que pisar na estrada com os olhos abertos e caminhar com os passos pensados, precisos e sólidos, pelo simples motivo de que ninguém pode colher os frutos antes de plantar as árvores.”

O enunciador apresenta uma imagem de identificação com o seu enunciatário, pois ele também tem as mesmas ansiedades apresentadas pela sociedade. Chegamos a essa conclusão com o auxílio da análise da conjugação do verbo, que expressa a atitude do enunciador, da análise das vozes, que podem ser de concordância ou não a respeito do que fora abordado e do reconhecimento da cena enunciativa, discurso para o povo que o elegera, e da posição do enunciador, que fala como o Presidente da República e do enunciatário com suas esperanças para o futuro, observando a partir desse reconhecimento da posição do enunciador e enunciatário a intencionalidade.

Recorte 3

Agradeço a Deus por chegar até aonde cheguei. Sou agora o servidor público número um do meu País. Peço a Deus sabedoria para governar, discernimento para julgar, serenidade para administrar, coragem para decidir e um coração do tamanho do Brasil para me sentir unido a cada cidadão e cidadã deste País no dia a dia dos próximos quatro anos.

No presente recorte, o sujeito enunciador não divide com o povo nenhuma responsabilidade, mas divide com ele a sua vitória, mostrando-se digno da responsabilidade que lhe é imposta pela legitimidade do cargo que ocupa no comando da nação. Ao se utilizar da forma verbal de 1ª pessoa do singular “agradeço” e “peço” o sujeito enunciador ratifica a

sua posição de liderança, apontando as atribuições do cargo do presidente de discernir para julgar e serenidade para administrar, ao fazer isso ele dialoga com a fé de um sujeito enunciatário por saber que o povo ele tem religiosidade, tendo um subsídio a mais para ratificar aos olhos dos eleitores a escolha correta para presidente que se expressou nas urnas, ao atribuir a Deus seus agradecimentos e pedidos.

O sujeito enunciador agradece a Deus por ter conseguido chegar até aquele posto, pois observando a trajetória de sua vida, que em nada indicava que ele chegaria a Presidência da República, reconheceu que foi agraciado por meio do esforço de seu trabalho, mas que também foi agraciado pelas oportunidades de mostrar a sua competência em anos de trabalho a favor do trabalhador.

O enunciador dialoga com as perspectivas da população quando ele se dá a conhecer como o sujeito que tem o propósito de ser um bom presidente ao pedir sabedoria, discernimento, serenidade, coragem e um coração para ser próximo dos cidadãos. O enunciador ao postular que quer ser próximo dos cidadãos esclarece que terá as necessidades da população como prioridade primeira em seu governo.

Observamos que o sujeito enunciador revela a sua voz de líder que se preocupa em fazer um bom trabalho ao pedir sabedoria. Ao dizer que quer ser próximo dos cidadãos, ele identifica-se como digno da confiança desse povo, e por esse motivo quer ser próximo dele. O enunciador também reconhece que ocupa um cargo de destaque que lhe atribui a tarefa de ser representante e voz do povo que é o Presidente da República e evidencia que quer manter a empatia com a sociedade.

O enunciador exibe o *ethos* de humanidade ao reconhecer sua limitação, apesar do cargo que ocupa, o enunciador evidencia que é um sujeito passível de erros, mas que apesar deles fará o seu melhor e torna patente o *ethos* de solidariedade ao querer estar próximo de quem o elegeu reconhecendo que a sociedade quer um presidente que esteja próximo dela no cotidiano, sabendo de suas necessidades e anseios.

Ao dizer que “Sou agora o servidor público número um do meu País.” O Enunciador Evidencia a sua posição de líder que é o Presidente.

O sujeito enunciador encerra o seu discurso, fazendo uma síntese dos *ethos* mais reproduzidos que foram construídos no decorrer dele.

Ao agradecer a Deus por chegar à Presidência da República, o enunciador oferece a sua imagem de virtude aos olhos de quem era religioso, e essa imagem legitima-se pelo conhecimento que o povo tem da sua trajetória. O enunciador ratifica, também, o seu *ethos* de líder, ao pedir sabedoria para governar e apresenta a imagem de credibilidade por reconhecer

que para um bom governo é necessário sabedoria, e projeta o seu *ethos* de identificação por querer estar unido ao povo.

As imagens construídas no discurso do enunciador não se resumem a identificar o seu posicionamento, mas o porquê dele.

O enunciador sabe que estava ocupando aquela posição por ter se colocado como a escolha correta em meio a descrenças na política e por isso teve por objetivo ratificar ao povo que sua eleição realmente fora a escolha correta para o Brasil naquele momento.

Sabe-se que o tema é amplo sujeito a várias ramificações, mas consideramos que a intenção dessa pesquisa é a de contribuir para futuras reflexões a respeito da construção do *ethos* do sujeito enunciador como meio de incentivar e persuadir o enunciatário a aderir à determinada ideia exposta, reconhecendo a Análise do Discurso como um campo fértil para qualquer pesquisa referente ao sujeito em seu contexto social.

Podemos finalizar, afirmando que o enunciador, em cada uma de suas proposições, tem como intenção envolver o enunciatário estabelecendo uma interação que não apresente uma contra-palavra ao enunciado, até mesmo pelo momento em que ele estava sendo apresentado, um momento de reflexão e esperança para o futuro, assim, o enunciador-presidente interagiu com a memória discursiva do enunciatário-povo em relação à segurança problemática e a economia brasileira que estava desestabilizada, mas teve a intenção de deixar claro que a partir daquele momento haveria transformação na realidade da nação.

Referências Bibliográficas

AMOSSY, Ruth. (org). *Imagens de Si no Discurso: a Construção do Ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRANDÃO, Helena Hatshsue Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 2 ed. rev. São Paulo: editora da Unicamp, 2004.

_____. *Analisando o Discurso*. Disponível em: <[HTTP: //www.estacao.daluz.org.br/](http://www.estacao.daluz.org.br/)>. Acesso em 05 de agosto de 2009.

BRITO, Alves. *A História de Lula: O Operário Presidente*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Linguagem e Discurso: Modos de Organização*. Trad. Angela M.S. Corrêa & Ida Lucia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da Enunciação*. 1 ed. Curitiba: Criar Edições, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. 7 ed. São Paulo: Pontes, 2007.

PARANÁ, Denise. *Lula, o Filho do Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.